

Literando – A Literatura na televisão para adolescentes

Marina Fam Petri

Sofia Frazão Suplicy

Pontifícia Universidade Católica do Paraná

- 1.Trabalho apresentado ao Expocom, do X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul.
2. Marina Fam Petri, oitavo período Jornalismo – PUCPR
- 3.Sofia Frazão Suplicy, oitavo período Jornalismo – PUCPR, sofifsuplicy@gmail.com



Resumo

O presente trabalho faz uma relação entre jornalismo e literatura, diferenciando jornalismo cultural e jornalismo literário. Também apresenta um estudo do veículo televisão, mostrando os diferentes gêneros e formatos da televisão brasileira. Todo o trabalho é baseado em pesquisa bibliográfica. A reunião de todo esse estudo busca viabilizar a inserção de um interprograma de televisão literário no mundo midiático jovem, com intuito de contribuir para formação intelectual deste jovem

Palavras-chave: literatura, televisão, jovem.



1. TEMA E JUSTIFICATIVA

O presente trabalho, baseado na linha de pesquisa comunicação, educação e cultura, propõe a criação de uma nova linguagem visual e verbal literária voltada para o público jovem do primeiro e segundo ano do Ensino Médio.

Os jovens estão em fase de desenvolvimento intelectual, portanto o projeto é uma maneira de ajudá-los no aprendizado sobre a literatura, pois é neste período que muitos se preparam para o vestibular.

Após uma pesquisa realizada por meio de questionários e formação de grupo focal com 178 jovens de 14 a 18 anos de primeiro e segundo ano do Ensino Médio percebeu-se que 98% dos entrevistados assistem à televisão provando que este meio tem forte influência na formação dos jovens. Mas como o objetivo é despertar o interesse pela literatura e não afastá-los da leitura o programa vem como estímulo a leitura, visto que, segundo dados da pesquisa realizada, 65% não lêem livros, e acredita-se que por meio da televisão, que de acordo dados do Ibope ocupou, no ano de 2007, 4h50min a 4h55min por dia do tempo dos adolescentes brasileiros, desperte-se este interesse no público-alvo.

A proposta é que os jovens tenham acesso a produtos de fácil compreensão, produzidos com uma linguagem visual e verbal adequada para esta faixa etária, gerando maior aproximação do público com o produto.

A compreensão dessa linguagem apropriada necessita da elaboração de um estudo do veículo televisão. Sendo assim, para a construção da série de interprogramas é feita uma análise de conteúdo e discurso de dois dos programas literários da televisão brasileira: Afinando a língua e Paixão pela palavra, exibidos pelo Canal Futura¹, com intenção de perceber a que tipo de programa literário os jovens são expostos. O interprograma mostra, por meio principalmente de imagens, a literatura de uma forma rápida e compreensível, tornando-a agradável ao telespectador.

Assim apresenta-se um novo gênero jornalístico na televisão, o interprograma, que é inserido dentro dos gêneros já existentes: educativo, informativo e de entretenimento, para que possa ser provado que o jornalismo televisivo não precisa ser restrito ao formato telejornal, atraindo assim, novos públicos para essa segmentação audiovisual.

¹ Canal Educativo da Fundação Roberto Marinho. No Paraná, a sua afiliada é a TV Lúmen.



2. OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Despertar o interesse do jovem para literatura através de mídia audiovisual e impressa, desenvolvendo uma linguagem visual e verbal adequada para o público-alvo.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Entreter o jovem de uma forma que se possa ajudar na sua formação intelectual, criando produtos que envolvam jornalismo e literatura;
- Identificar as principais vertentes entre jornalismo e literatura;
- Analisar o perfil cultural dos jovens, alunos do primeiro e segundo ano do ensino médio das escolas públicas e privadas;
- Aproximar os jovens da literatura.



3. METODOLOGIA

O presente trabalho é baseado em pesquisa bibliográfica, análises de recepção por meio de grupo focal e aplicação de questionário e análise de conteúdo e discurso de programas de televisão literários.

A pesquisa bibliográfica fundamenta-se, principalmente, em autores como Arlindo Machado, José Aronchi de Souza, Jesús Martín Barbero. Autores estes que abordam com mais profundidade os assuntos televisão, jornalismo cultura e a literatura.

A análise de recepção é baseada na aplicação de 166 questionários em alunos de primeiro e segundo ano no ensino médio de escolas públicas e particulares e na realização de grupo focal com 12 alunos do Colégio Estadual Paulina Pacífico Borsari. O número foi escolhido para se tenha, segundo Duarte e Barros (2006, p. 180), uma pesquisa científica válida.

Também é feita uma pesquisa bibliográfica para examinar como a literatura e as diferentes linguagens podem ser encontradas dentro do jornalismo, e, ainda, os interesses que este público tem pelos meios de comunicação.



4. JORNALISMO E LITERATURA: CONVERGÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS

As diversas crises dos anos de 1960, que deram lugar às formas do novo jornalismo não só nos Estados Unidos, como também em toda a América Latina e na Europa, são, de acordo com Medel, um excelente exemplo de como a ruptura de fronteiras “fecundou a criatividade informativa no âmbito do jornalismo de modo que permitiu um importante impulso às formas de escrita literária que adotam a retórica do jornalismo”. (MEDEL *in* CASTRO e GALENO (orgs.), 2005, p. 20-21)

Segundo Olinto, tanto a literatura quanto o jornalismo utilizam-se da palavra. Porém, o autor distingue o jornalismo da literatura, afirmando que uma das características da obra literária é que a mesma visa atingir a permanência, enquanto o texto jornalístico é geralmente perecível (OLINTO, 1955, p. 06). Para alcançar a “atemporalidade através da sua obra”, o artista deve abordar o que há de comum entre os homens (OLINTO, 1955, p. 06). Olinto observa ainda o seguinte:

Entre os dois elementos (jornalismo e literatura) não há uma diferença técnica, a não ser em espécie e intensidade. Espécie e intensidade, no entanto, separam também uma forma literária de outra, um ensaio de um romance. O que acontece é que o plano do jornalismo é o de uma literatura para imediato consumo, uma literatura dotada de uma certa funcionalidade, onde a esquematização



é, sob muitos aspectos, necessária. É claro que o jornalismo comporta também literatura de maior alcance, em suplementos literários, onde contos, ensaios e poemas são periodicamente publicados, ou certas crônicas diárias, mas esta é uma parte lateral ao jornalismo propriamente dito. Falo da possibilidade que o gênero jornalístico tem, de ser literatura. (OLINTO, 1955, p.06)

Consolaro, observou que Lima considerava o jornalismo um gênero literário, e provavelmente não teria mantido esta opinião se tivesse alcançado os dias atuais, “momento histórico em que geralmente é meramente factual e que por esta razão dificilmente poderia competir com a televisão, o rádio ou com a Internet”. Isto porque a televisão divulga as notícias de maneira rápida e o rádio ou a Internet muitas vezes fazem na hora (CONSOLARO, 2008).

As relações ente criação literária e exercício jornalístico têm sido problemáticas desde seus inícios. Para Medel “parece que aquela, sem abandonar a dimensão lúdica e fruitiva, deve encaminhar-se para o essencial humano, bem que encarnado nas inevitáveis coordenadas espaço-temporais que nos constituem”. (MEDEL *in* CASTRO e GALENO, 2005, p.18).

Para Olinto, uma das diferenças entre o escritor e o jornalista é que este está constantemente sujeito à pressão do tempo e do espaço, enquanto o escritor sofre pressões externas e internas (OLINTO, 1955, p. 03-04).

Medel expõe que no debate sobre jornalismo e literatura podem-se encaixar muitas das grandes questões nesta dupla crise “da realidade dos acontecimentos e veracidade dos discursos jornalísticos, e o esgotamento do fictício e dos modelos criativos nos discursos literários” (MEDEL *in* CASTRO e GALENO (orgs.), 2005, p.20).

O autor afirma que são vários os objetivos fundamentais para as relações entre jornalismo e literatura, e um deles é a reflexão aberta e crítica, sem preconceitos, sobre as numerosas relações e interinfluências existentes entre literatura e jornalismo. E acrescenta que para isso, a “investigação hemerográfica, os programas sistemáticos de catalogação de revistas literárias e culturais, o estudo da presença da literatura no meio jornalístico e a transformação literária de criações jornalísticas são fundamentais”. Exemplifica ainda que “os resultados parciais devem encontrar o necessário cotejo com os obtidos em outras áreas idiomáticas e culturais, para apreciar aspectos comuns e diferentes”. (MEDEL *in* CASTRO e GALENO (orgs.), 2005, p.21).



O autor observa que construir os instrumentos metodológicos e críticos para entender o jornalismo como criação de uma natureza distinta àquela do discurso literário como fonte criativa da escrita jornalística, é um objetivo importante para relacionar jornalismo e literatura. Medel acrescenta ainda um objetivo relevante que é “análises da construção, a partir de técnicas e procedimentos literários, de uma praxe jornalística criativa e de forte intensidade, sendo igualmente preciso indagar como se constrói literariamente a partir de técnicas e procedimentos jornalísticos” (MEDEL *in* CASTRO e GALENO (orgs.), 2005, p.22). Medel explica outra questão:

Refletir sobre as diferenças entre o essencial e o acidental, o ético e o estético, o formativo e o informativo, o permanente e o transitório e fungível. Finalmente - e enquanto estas distinções sejam pertinentes – a comunicação jornalística direciona-se para o âmbito da interação social; a comunicação literária busca, desde seus condicionamentos de época, apontar a certos fatores da condição humana: jornalismo e literatura constituem âmbitos privilegiados para refletir sobre a implicação entre ciências sociais e humanas. (MEDEL *in* CASTRO e GALENO (orgs), 2005, p. 23)

Para Olinto, que acredita que a relação entre jornalismo e literatura são atividades divergentes, a distinção entre elas é o fato de que o trabalho jornalístico trata do real, do atual, enquanto a obra literária pode também tratar da realidade atual ou da realidade possível (OLINTO, 1955, p.28). De acordo com o autor, o trabalho de ficção ou jornalístico deve se submeter às regras da descrição e da narrativa (OLINTO, 1955, p. 28).

Castro acredita que o uso da linguagem como extensão da cultura adquirida, seja por jornalistas ou escritores, necessita, do mesmo tipo de fonte: a leitura. Esta é a chave de acesso ao enriquecimento da linguagem, à compreensão de mundos diversos e ao emaranhado de idéias e histórias. Castro afirma que “é da proximidade de cada um com as palavras que vem a sensibilidade necessária para comunicar aos outros o que quer que seja; seja o mundo inscrito nos livros, seja o mundo não-escrito dos acontecimentos” (CASTRO *in* CASTRO e GALENO (orgs.), 2005, p. 73).

O jornalista traz cotidianamente o mundo para dentro do texto escrito. Expõe fatos, cenas, realizações, eventos dos mais variados num movimento em que tira do mundo a matéria-prima necessária para retransformá-la em narração. Para o escritor, o movimento é inverso. Castro afirma que o mundo exterior também é fundamental, mas



não determinantes como o é para o jornalista, já que o escritor pode buscar na sua própria subjetividade toda a sua literatura, fazer de memória a fonte da sua escritura, tornar eventos pouco jornalísticos significativos do ponto de vista humano e, até mesmo, fazer o jornalismo virar literatura (CASTRO *in* CASTRO e GALENO (orgs.), 2005, p. 73).

O uso fácil que o jornalista faz da palavra pode desgastar a sua escritura e, embora a literatura não tenha muito compromisso com o imediato, por possuir maior liberdade de movimentação, possibilita ao literato fazer jornalismo, sem que acarrete prejuízo à sua literatura. Olinto observou que o jornalismo trata dos mesmos dramas humanos que a literatura, só que através do filtro da rotina. Consegue-se ir além da visão da rotina, o jornalismo pode até ser visto como obra de arte, pois é também um trabalho de criação, da busca de um estilo, da descrição do patético, do trágico, do pungente, do humorístico, do comum e do extraordinário que os acontecimentos trazem consigo. (CASTRO *in* CASTRO e GALENO (orgs.), 2005, p.75).

De acordo com Dravet, a literatura deveria ser ensinada aos aprendizes jornalistas e que fossem incentivados a ler os clássicos e os modernos. Coloca ainda que: “poderia querer que os jornalistas acreditassem em novas formas narrativas. Poderia ver na literatura a esperança democrática da linguagem midiática. Mas isso não passaria de um belo discurso em vão” (DRAVET *in* CASTRO e GALENO (orgs.), 2005, p. 89). A autora elucida que:

O certo é que a literatura é a esperança da comunicação, para a qual é necessário que se eduquem não só os futuros jornalistas, mas os leitores. Através da literatura, o homem exerce a sua singularidade, de forma universal. Porque ela é uma forma de expressão oral ou escrita que atravessa os tempos da história humana, que cruza as fronteiras e as nações. (DRAVET *in* CASTRO e GALENO (orgs.), 2005, p.89)

A literatura é, portanto, uma das ferramentas mais poderosas da comunicação de massa em que ainda se pode acreditar. Segundo Dravet, o jornalismo não pode suplantar a informação contida nas narrativas literárias para se tornar a única fonte de cultura de uma massa considerada inculta e por isso menosprezada. A autora afirma que é justamente o contrário, pois “precisa beber na fonte literária para educar o leitor semimorto, abandonado à sua própria sorte pela indústria da informação” (DRAVET *in* CASTRO e GALENO (orgs.), 2005, p.89).



5. GÊNEROS E FORMATOS NA TELEVISÃO

Os programas da televisão brasileira, segundo José Carlos Aronchi Souza (2004), são classificados dentro de três categorias principais: informativos, entretenimento, educativo. Uma quarta categoria seria a publicitária e a quinta a categoria “outros” que compreende programas como os religiosos e políticos. Para Aronchi de Souza (2004, p. 39, grifo do autor) “qualquer que seja a categoria de um programa de televisão, ele *deve sempre entreter e pode também informar*. Pode ser informativo, mas deve ser também de entretenimento”.

Cada categoria abrange alguns gêneros. Para Machado (2000, p. 71) “gêneros são categorias fundamentalmente mutáveis e heterogêneas”, que mudam de acordo com a mudança na programação das redes. Aronchi de Souza acredita que esta constante mudança dos gêneros e o estudo deles podem aproximar a televisão do estudo de outras artes:

os estudo de gênero em um veículo de comunicação que utiliza as artes para o próprio desenvolvimento aproxima a televisão dos elementos artísticos utilizados na criação de um programa. Os roteiros ficcionais, vários advindos de obras clássicas, e os programas que tentam aproximar-se do cinema ou do teatro são exemplos do estreito relacionamento da TV com as artes – literatura, artes plásticas, artes cênicas e música. Por isso, torna-se necessário reconhecer os aspectos que influenciam a classificação dos gêneros em algumas manifestações artísticas. (ARONCHI DE SOUZA, 2004, p. 43)

Dentro do conceito de gêneros existe o conceito de formato, trazido por Aronchi de Souza (2004, p. 46) “formato é nomenclatura própria do meio (...) para identificar a forma e o tipo da produção de um gênero de programa de televisão”. Para o autor formato está para gênero, assim como gênero está para categoria, um associado ao outro.

A questão de gêneros está diretamente ligada a outro conceito, o de programação. “Programação é o conjunto de programas transmitidos por uma rede de televisão. O principal elemento da programação é o horário da transmissão de cada programa.” (Aronchi de Souza, 2004, p. 54).

Para Aronchi de Souza (2004, p. 56) “o aumento do número de programas de determinado gênero na mesma emissora promove uma imagem que torna a rede conhecida pelo público quando este escolhe seus programas favoritos”. Um exemplo



disso é a Rede Globo, quem tem as suas novelas reconhecidas em todo mundo, outro exemplo é o do SBT que virou um canal reconhecido pelos programas de auditório, principalmente os apresentados por Silvio Santos.

As três categorias principais são divididas em gêneros. A primeira categoria, a de entretenimento, que foi segundo Aronchi de Souza (2004), a categoria mais trabalhada na televisão - percepção que teve após análise da programação da televisão brasileira realizada em 1996 - está dividida em vinte e dois gêneros: auditório, colonismo social, culinário, desenho animado, docudrama, esportivo, filme, gameshow, humorístico, infantil, musical, novela, quiz show, reality show, revista, série, série brasileira, sitcom, talk show, teledramaturgia, variedades, western.

A segunda categoria mais trabalhada foi a de informação e a terceira a de educação, mas a respeito dos gêneros informativos e educativos será trabalhado mais tarde (ver p. 21 e 26).

A quarta categoria que entra na classificação de Aronchi de Souza (2004) é a de publicidade, que tem como gêneros: chamada, filme comercial, político, sorteio, telecompra. A quinta categoria é a chamada de outras que abrange os seguintes gêneros: especial, eventos e religioso.

5.1 GÊNEROS INFORMATIVOS

Dentro do estudo do jornalismo, a categoria de informação e os gêneros informativos são os mais importantes. Os gêneros informativos, segundo Aronchi de Souza (2004), são: o telejornalismo, documentário, debate e entrevista.

Em muitas redes utiliza-se apenas o gênero telejornal, os outros seriam formatos deste primeiro, mas estes acabaram ganhando o espaço como gênero devido a sua importância, *status* que ganharam com a audiência

“Dentro do próprio gênero do telejornalismo, há formatos que se firmam como gêneros por sua importância. Os programas de debate ou entrevistas (Opinião nacional, da Cultura) e os documentários (Globo Repórter, da Globo e SBT Repórter, do SBT) são formatos que pertencem ao telejornalismo produzido pelas emissoras, porém se tornam gêneros dado pelo *status* que alcançaram com a audiência.” (ARONCHI DE SOUZA, 2004, p. 153)



Apesar de estes novos gêneros estarem ganhando espaço, as televisões ainda priorizam o gênero telejornal, que cada vez mais vem ganhando espaço na programação. “As grades podem deixar de apresentar um ou outro gênero, mas o telejornalismo ocupa espaço e visibilidade fundamentais para o conceito de rede de televisão” (Aronchi de Souza, 2004, p. 151).

5.1.1 Telejornalismo

Um dos mais importantes gêneros televisuais é o telejornalismo, ele, que, segundo Rezende (2000) cumpre uma função social e política, pois atinge um público não interessado pela notícia, mas que a assiste enquanto a novela não começa. E é justamente, por causa desse telespectador passivo, que os telejornais se tornam importantes e representam a principal forma de democratização da notícia. Segundo Canclini (apud Vizeu e Correia, 2008, p. 12), “o telejornalismo representa um lugar de referência para os brasileiros muito semelhante ao da família, dos amigos, da escola, da religião e do consumo”. O brasileiro, vê no noticiário televisivo um lugar de segurança.

A televisão no cotidiano das pessoas representaria esse objeto transicional, uma espécie de referência, de estabilidade, diante da violência, da insegurança e da complexidade do cotidiano. Os telejornais funcionariam como uma janela para a realidade, mostrando que o mundo circundante existe, está lá e tudo não se transformou num caos e a vida segue a sua normalidade. (VIZEU E CORREIA, 2008, p.21).

Essa importância conquistada pelo telejornalismo na televisão, fez com que as redes investissem mais no gênero:

A conquista de importância na grade horária da programação fez as redes de televisão investirem no telejornalismo tanto quanto em outros gêneros. As grades podem deixar de apresentar um ou outro gênero, mas o telejornalismo ocupa espaço de visibilidade fundamentais para o conceito de rede de televisão. (ARONCHI DE SOUZA, 2004, p. 151)

É considerado telejornalismo nas emissoras os noticiários em diversos formatos, segmentados ou não, com os deveres, segundo Godijo Teodoro (apud Aronchi de Souza, 2004, p. 151) de “informar, educar, servir, interpretar, entreter”.



5.2 GÊNERO EDUCATIVOS

Segundo Aronchi de Souza (2004) os gêneros dentro da categoria educação são: educativo, instrucional, seriado, infantil, formação complementar, profissionalizante e técnico.

O gênero educativo compreende, principalmente, aulas com linguagem televisiva e a maioria dos programas está concentrada nas redes educativas. Quando estão presentes em rede comercial, o *Telecurso 2000* da Globo, por exemplo, entram em horários pouco lucrativos;

Este gênero procura apresentar diversos formatos, para tentar manter a linguagem dos outros programas. As emissoras trabalham com entrevistas, documentário, minisséries e reportagens, mas trazendo mais detalhes vindos de especialistas e professores.

5.2. INTERPROGRAMA

Outro gênero encontrado e que foge da classificação de Aronchi de Souza é o interprograma. Não existem estudos sobre este gênero, mas o que se sabe é que ele pode estar inserido nas três categorias: educativo, entretenimento e informativo, dependendo do seu formato.

O interprograma é uma peça institucional que não segue o padrão de uma reportagem dentro dos moldes do jornalismo televisivo. Ele é uma mistura de jornalismo e publicidade e nunca deve ser único, sendo criado em série, mas cada peça deve ser auto-explicativa, tendo começo, meio e fim e ter no máximo cinco minutos.

Neste projeto trabalha-se com uma série de oito interprogramas, de três minutos cada. Cada interprograma conta um pouco sobre determinado autor e um trecho de determinado livro, conto ou poesia, utilizando o formato videopoema/ videoarte. Além disso, procura ligar o jornalismo à literatura dentro da televisão.



REFERÊNCIAS

AGUIAR, Flávio; GUIMARÃES, Hélio; JOHNSON, Randal; PELLEGRINI, Tânia; XAVIER, Ismail. **Literatura, cinema e televisão**. São Paulo: SENAC, 2003.

ARONCHI DE SOUZA, José Carlos. **Gêneros e formatos na televisão brasileira**. São Paulo. Summus, 2004

AUMONT, Jacques. **A imagem**. 6 Ed. Campinas, SP. Papyrus, 2001

BACCEGA, Maria Aparecida. **Palavra e discurso: História e literatura**. São Paulo: Ed. Ática, 2007

BOND, Frank Fraser. **Introdução ao Jornalismo: uma análise do quarto poder em todas as suas formas**. Rio de Janeiro: Ed. Agir, 1992

CARBONE, Wellington. **Jornalismo Literário: O conteúdo precede a forma**. Disponível em: <http://altcom.wordpress.com/2007/08/31/jornalismo-literario-o-conteudo-que-precede-a-forma>. Acesso em: 04 de maio de 2008

CAPPARELLI, Sérgio; LIMA, Venício. **Comunicação e televisão desafios da pós-globalização**. São Paulo: Hacker, 2004

CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex (orgs.). **Jornalismo e literatura: A sedução da palavra**. São Paulo: Escrituras Editora, 2005

CONSOLARO, Hélio. **Jornalismo e Literatura: dois irmãos que se rejeitam**. Disponível em: http://www.gargantadaserpente.com/artigos/helio_consolaro5.shtml. Acesso em: 18 de abr. de 2008.

DINES, Alberto. **O papel jornal**. São Paulo: Summus Editorial, 1996

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Campinas – SP: Papyrus, 1996.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia – estudos culturais, identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Bauru: EDUSC, 2001.

LAGE, Nilson. **Linguagem jornalística**. São Paulo: Editora Ática, 1999.

LANZA, Sonia Maria. **O jornalismo contemporâneo: paradigma recodificado**. Disponível em: <http://repositorio.portcom.intercom.org.br/dspace/handle/1904/17360>. Acesso em: 13 de maio de 2008.

LOBATO, Elvira. **Igreja controla maior parte de TVs do país**. 2007. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fofha/brasil/ult96u373563.shtml>. Acesso em: 11 de abr. 2008.

MACHADO, Ana Maria. **Texturas: sobre leituras e escritos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

MACHADO, Arlindo. **A Televisão levada a sério**. São Paulo: Senac, 2000.



NICOLATO, Roberto. **Jornalismo e literatura: aproximações e fronteiras**. 2006. Disponível em: www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R1028-1.pdf. Acesso em: 25 de maio de 2008.

OLINTO, Antônio. **Jornalismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Departamento da Imprensa Nacional, 1955.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Editora Contexto, 2007.

PICCININ, Fabiana. **Televisão Digital e Convergência: da essência da tecnologia à aplicabilidade**. UniRevista, Unicinos, Vol 1, nº3, 2006. Disponível em: http://www.unirevista.unisinos.br/pdf/UNIrev_Piccinin.PDF. Acesso em: 13 de mar. 2008.

PORCELLO, Flávio. Mídia e poder: os dois lados de uma mesma moeda. In VIZEU, Alfredo (org). **A sociedade do telejornalismo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

PRIOLLI, Gabriel. A tela pequena no Brasil grande. In LIMA, Fernando Barbosa; PRIOLLI, Gabriel; MACHADO, Arlindo. **Televisão & vídeo**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1985.

PROENÇA FILHO, Domício, **A Linguagem Literária**. São Paulo: Ed. Ática, 2004.

REZENDE, Guilherme J.. **Telejornalismo no Brasil**. São Paulo: Summus, 2000.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo – Volume I – Porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2 ed., 2005.